

## **Crise Capitalista, Imperialismo e Guerra: Rosa Luxemburgo manda lembranças.**

“Socialismo ou barbárie” (Rosa Luxemburgo)

Glaudionor Gomes Barbosa  
Doutor em Ciência Política/Relações Internacionais  
Professor de História Econômica e Economia Política da UFPE/Brasil  
[glaudionorbarbosa@gmail.com](mailto:glaudionorbarbosa@gmail.com)  
(+55) 081 99977-6840  
Camila Nadedja T. Barbosa  
Doutora em História  
Professora de História do IFPE/Brasil  
[camila\\_nadedja@hotmail.com](mailto:camila_nadedja@hotmail.com)  
(+55) 081 99752 -2641

### **1. INTRODUÇÃO**

O problema que orienta este trabalho é a partir da teoria marxista das crises capitalistas compreender as crises de longa duração (depressão), as ações do imperialismo e as guerras de conquista, regionais e mundiais.

O aporte teórico combina a análise de Marx que tem como base a elevação do capital constante em relação ao capital variável e por consequência a elevação da Composição Orgânica do Capital, com queda na Taxa de Lucros com a fundamental abordagem de Rosa Luxemburgo sobre as dificuldades de reprodução ampliada do capital.

O objetivo central é de mostrar que o capitalismo se aproxima cada dia mais das teses de Luxemburgo, não necessariamente pela existência, apesar de verdadeira, de regiões atrasadas, porém pela produção acelerada de bens bélicos e pelo manuseio de recursos públicos em particular o ganho financeiro oriundo da dívida pública.

O Trabalho é composto de quatro partes, incluindo esta Introdução. Na segunda parte discute-se o fundamento teórico-histórico da crise capitalista; a parte três, apresenta a importante contribuição de Rosa Luxemburgo; e na quarta parte, é enfrentado o fundamental, que é as experiências históricas das crises longas quando o capitalismo teme seu coveiro e é capaz de entregar o poder a qualquer Bonaparte e pode caminhar para a guerra.

### **2. AS CRISES CICLICAS DO CAPITALISMO**

Marx n'O Capital, Livro I, Capítulo 1 inicia sua exposição de crítica a Economia Política inglesa com a mesma preocupação de seus antecessores, a saber, o conceito de riqueza. Desse modo, a riqueza das sociedades dominadas pelo modo de produção

capitalista, explica-nos Marx, “aparece como uma ‘imensa coleção de mercadorias’”<sup>1</sup>. Duas questões se colocam aqui: (a) O Autor poderia começar por outras categorias, como trabalho, exploração ou produção, mas parte da noção daquilo que é comum ao capitalismo, ou seja, a mercadoria; (b) quando se diz “aparece”, na lógica dialética significa que é aparência, mas não ainda a essência, tanto é que a mercadoria é uma unidade dividida. Assim, completando a citação anterior: “[...] e a mercadoria individual, por sua vez, aparece como sua forma elementar. Nossa investigação começa, por isso, com a análise da mercadoria”<sup>2</sup>.

Segundo Marx, a mercadoria é um objeto externo, uma coisa que deve possuir características que atendam necessidades humanas, reais/materiais como a fome, ou imaginárias como um quadro de Monet. Além disso, a necessidade atendida pode ser uma coisa de consumo indireto, como um meio de produção.

Ao suprir uma determinada necessidade humana, a mercadoria possui uma utilidade, assim sendo ela é portadora de um valor de uso. Este é a própria matéria da mercadoria e só é efetivado no consumo. Se a coisa só tivesse valor de uso seria apenas um produto. A mercadoria precisa possuir valor de troca. Para o vendedor a mercadoria é um não-valor de uso. A passagem das mãos do possuidor da mercadoria para o possuidor do dinheiro é o salto mortal da mercadoria. De fato, a mercadoria é um duplo, uma unidade de contrários. Essa contradição primária já é a raiz da crise.

Marx demonstra que no desejo permanente de valorização o capitalista promove um crescimento muito maior do capital constante em relação ao capital variável. De um lado, o novo capital formado no processo de acumulação atrai, proporcionalmente a seu volume, cada vez menos trabalhadores. Por outro lado, o velho capital, reproduzido periodicamente numa nova composição, repele cada vez mais trabalhadores que ele anteriormente ocupava (Marx, 2017, p. 704).

Essa tendência de elevação na composição orgânica do capital, a saber, o uso crescente do capital constante em relação ao capital variável é inerente a competição entre os capitalistas, é o próprio movimento da acumulação de capital. Os capitalistas que não inovam e não reduzem seus custos de produção perderão mercado. Esse é o ponto de partida para se entender a crise.

Fica evidente que as crises do ponto de vista de Marx, são recorrentes, pois é a própria acumulação de capital que leva ao aumento da composição orgânica do capital

---

<sup>1</sup> MARX, O Capital, Livro I, p. 113.

<sup>2</sup> Idem.

e a negação da própria base de valorização do capital, ou seja, o trabalho assalariado, provocando a queda da taxa de lucro. Mesmo com um novo ciclo de acumulação resultante venha como consequência da própria destruição de capital, isso apenas acelera a contradição expressa pela lei tendencial de queda da taxa de lucro. Como o objetivo do capital é maximizar lucros são necessárias crises cada vez mais intensas para se retomar a taxa de lucro.

### **3. REPRODUÇÃO E CRISE: A ABORDAGEM LUXEMBURGUISTA**

Para Luxemburgo (1985), o Imperialismo utiliza sempre um elemento coercitivo sobre os países mais fracos. Assim, no mundo real a força é a única solução ao alcance do capital. Assim, pode-se dividir para efeitos de análise, em quatro, os objetivos da luta do Imperialismo para dominar e submeter aos seus interesses as economias subdesenvolvidas: (a) entrar em posse dos grandes estoques de matérias-primas daquelas economias, seja pela propriedade direta das fontes ou do barateamento do preço de suas mercadorias; (b) a destruição dos métodos tradicionais de produção, para criar trabalhadores assalariados, e assim, aumentar a massa de mais-valia; (c) transformar as economias não-mercantis em economias de mercado; e (d) separar a indústria do comércio e da agricultura, antes perfeitamente interligadas nas economias não mercantis.

Um elemento fundamental da análise da autora é a definição dos mecanismos de operação do Imperialismo. O mecanismo básico usado pelos países imperialistas para criar e desenvolver as relações de mercado necessárias a acumulação é a utilização do poder coercitivo, seja através de ações militares, como um meio importante para se conseguir alocar o excedente de forma a provocar a multiplicação da mais-valia. O militarismo funcionaria como um gerador de fontes de demanda, pelo fato de recursos serem canalizados para um investimento improdutivo. Tal mecanismo seria importante, também no sentido de manter e garantir as desigualdades na distribuição de renda e da riqueza, pois o aumento da demanda agregada se daria sem um aumento correlato da capacidade produtiva da economia.

A questão do papel do militarismo, na teoria de Luxemburgo é de importância primacial, pois, segundo a autora, para os grandes conglomerados econômicos, é uma saída apropriada em virtude das transformações advindas do desenvolvimento capitalista e do processo de concorrência. Com isso, algumas sociedades e culturas tradicionais eram tratadas como territórios econômicos neocoloniais, outras se

transformavam em economias de mercado subordinadas, embora politicamente independentes.

Segundo Luxemburgo, o papel dos empréstimos internacionais é fundamental no processo de acumulação de capital ou se preferir na demanda efetiva e a Autora apresenta dados importantes de fontes oficiais, principalmente sobre os empréstimos para construção de uma ampla malha ferroviária no mundo todo. É importante frisar que os investimentos em Estradas de Ferro são muito altos: têm-se, a construção das linhas férreas, estações, pontes, viadutos etc., as encomendas das máquinas e equipamentos, e a operação dessa atividade econômica gera necessidades várias, incluindo reposições.

É muito difícil para qualquer teórico ou estudioso do campo do socialismo, escapar da crítica desconcertante de Luxemburgo. Realmente se o capitalismo possui uma capacidade infinita de promover a acumulação de capital não resta nada a fazer: ou se cai na “nebulosa” do socialismo utópico ou a possibilidade de substituição do modo de produção capitalista pelo socialismo, depende apenas da luta política, ou seja, não há contradição em processo. Haverá possibilidade de luta política, de classe contra classe sem contradição em processo? Impossível responder com um sim.

Kalecki (1987) começa argumentando que “os capitalistas fazem muitas coisas como classe, mas certamente eles não investem como classe”. (KALECKI, 1987, p. 15). Contudo, o autor afirma que mesmo seguindo outro caminho teórico, chegou a uma conclusão semelhante àquela de Luxemburgo, isto é, a reprodução ampliada não é de modo nenhum um fato “natural”. Acrescentando que “Es interesante hacer observar la afinidad que existe entre estas teorías (o autor se refere à teoria da acumulação de capital e da reprodução ampliada) y las de Rosa Luxemburg”. (KALECKI, 1970, p. 18.) (Parêntesis nossos).

Kalecki argumenta, ou antes, reconhece que um dos momentos teóricos mais importantes das teses de Luxemburgo,

[...] é a inclusão em seus ‘mercados externos’, juntamente com os outros elementos antes mencionados (países subdesenvolvidos, regiões atrasadas de países desenvolvidos, agricultura camponesa), do mercado criado pelas compras do governo, em particular as compras de armamentos. (KALECKI, 1987, p. 16)

Kalecki (1987:16) argumenta que Rosa Luxemburgo não teve a oportunidade de observar o papel dos crescentes gastos militares e outras despesas cobertas pela ação fiscal do Estado. Em seu tempo, isso sem dúvida não tinha a dimensão que tem nos dias atuais, mas atualmente isso é certo. (KALECKI, 1987, p.18).

A verdade é que Kalecki esteve sempre próximo das teses de Luxemburgo. Se os capitalistas não investem como classe, também não havia, nenhuma garantia de que o capitalismo seja capaz de realizar sem problemas a reprodução ampliada. Os 'mercados externos' são importantes, principalmente sobre as formas de despesas governamentais, de empréstimos internacionais, produção bélica e guerras.

Com certeza, é o momento de retornar com aquelas conclusões fundamentais para qualquer debate que pretenda de fato enfrentar o problema: (a) a questão externa não é propriamente um fato recente no capitalismo, mas uma condição permanente no seu desenvolvimento; (b) a procura por mercados externos é uma contradição primordial do capitalismo, tão fundamental quanto as outras analisadas por Marx em O Capital; (c) o capitalismo, em seu desenvolvimento, é o primeiro sistema econômico em condições de expansão mundial. E esta expansão continuará até destruir todas as formas econômicas anteriores; (d) quando o sistema capitalista assumir uma forma mundial pura, a contradição entrará em processo e significará a impossibilidade de expansão permanente.

Os marxistas tiveram que levar adiante a teoria e a política herdadas de Marx. A metamorfose do mundo num grande "centro comercial" aconteceu. A ideia de Luxemburgo de que o mercado mundial não era apenas o desejo dos capitalistas, mas uma necessidade permanente do capital continua válida e a atualidade histórica só confirmam a amplitude de visão daquela autora. Encontrar erros nos trabalhos de Rosa é uma tarefa relativamente simples. Qualquer autor que tenha escrito de um lugar e um tempo social e histórico, merece sofrer a crítica da história. Contudo, este trabalho argumenta que a ideia central de Luxemburgo de que o capital precisava se expandir sempre e que possivelmente haveria um limite parece cada dia mais consistente quando confrontada com a experiência histórica. Como militante socialista, Rosa tentou derivar para o curto prazo o advento do socialismo baseado das suas conclusões teóricas e errou. Mas, como reconheceu Kalecki, as teses de Luxemburgo se tornam mais próximas da realidade com a passagem do tempo e as trapalhadas que o capitalismo apronta para se manter no palco da História

#### **4. AS DEPRESSÕES OU QUANDO O RISCO SE TORNA MÁXIMO.**

A 1ª Depressão foi a mais longa indo de 1873 a 1896. Seu início aconteceu com o colapso da Bolsa de Viena, repercutindo rapidamente na economia inglesa, contaminando parte importante do capitalismo mundial. Resultados: falências, aumento dos custos industriais e perda de dinamismo.

Segundo Saes e Saes (2013) o que caracterizou a crise não foi uma redução significativa na atividade econômica, mas um alto declínio nos preços. A deflação levou ao aumento dos salários reais, queda nos lucros, redução da taxa de juros e desaceleração da atividade. O epicentro foi a Grã-Bretanha onde a taxa média de crescimento industrial que era de 3,2% no período 1847-1873 caiu para 1,7%.

O problema da lucratividade é apresentado por Saes e Saes, 2013, p. 214. A relação Lucros/Renda Industrial que era 47,7% no período 1870-1874, caiu para 37,8% para 1890-1894, logo uma queda grave de quase 10 pontos percentuais. Em relação à Renda Nacional a queda se aproximou de 7 pontos percentuais.

O período é caracterizado por uma eclosão de monopólios e cartéis. Ou seja, seja o resultado do processo de concentração e centralização do capital, em um ambiente de desregulamentação financeira, foi submeter todos os setores da economia ao domínio das grandes empresas (trustes). Imperialismo, aumento dos conflitos intercapitalistas e a 1ª Guerra Mundial.

Segundo Goggiola (2009) os rancores e o legado da insatisfações com os resultados (ou não-resultados) da Primeira Guerra serviram de base para a crise de 1929. A economia norte-americana cresceu muito e sua indústria produziam e exportavam quantidades crescentes com preços sustentados em boa medida para as exportações para a Europa. Além de aproveitar a reconstrução das economias daquele continente.

O crash de 1929 foi o resultado do crescimento anterior. Ao comparar 1913 com 1926, observa-se um crescimento 26% para os Estados Unidos e 24% para outros países não-europeu. (Goggiola, 2009:149)

A euforia norte-americana pode ser explicada pela facilidade de empréstimos concedidos pelos bancos a juros de 12% (com recursos captados do Federal Reserve à taxa de 5%) para compra de ações na Bolsa, sendo que parte dos créditos tomados recebiam como garantia os títulos comprados. Parecia um mundo perfeito e que prometia a eternidade de consumo conspícuo das classes ociosas que Veblen tanto criticara.

A euforia começa a mudar quando os países europeus que haviam terminado a reconstrução começaram a reduzir a importação de produtos dos Estados Unidos o que veio a provocar grande formação de estoques em um quadro de superprodução com queda nas receitas de vendas, redução dos salários e lucros, e desemprego.

Pela segunda vez, o capitalismo mostrava toda virulência de suas crises longas, Os resultados foram trágicos. A economia norte-americana sofreu uma redução de 80%

na produção de automóveis; entre 1930 e 1933 abriram falência 106.769 empresas, não incluídos os bancos); o desemprego ultrapassou os 25%; a renda nacional teve queda de 87,4 bilhões em 1929 para 41,7 bilhões, e a massa salarial de 50 bilhões caiu para 30 bilhões. Na economia mundial capitalista, o desemprego de 10 milhões em 1929 atingiu a cifra de 30 milhões, numa época em que os sistemas de proteção social eram extremamente frágeis. O comércio mundial foi reduzido a um terço de seu valor entre 1929 e 1933; a produção industrial caiu 50% em certos países.

A segunda depressão foi superada apenas em 1939 com o início da 2ª Guerra Mundial. Nesse período os conflitos entre os velhos imperialismos (Inglaterra, EUA e França) e os novos imperialismos (Alemanha, Itália e Japão) chegaram ao paroxismo. A Guerra foi o resultado esperado desse contexto geopolítico e geoeconômico.

A crise que estoura em 2001 foi gestada nos “formidáveis” anos noventa nos Estados Unidos. A bolha.com foi inflada entre 1995 e 2000, neste último ano acontece o clímax e a queda da bolsa de valores. Desde o final de 1999 as revistas especializadas e outras nem tanto, faziam elogios diários ao ótimo negócio de aplicações nas chamadas “empresas ponto.com”. Imagine-se a lógica superposta na ideia de acumular capital na alta tecnologia não só era muito seguro, como esta seria a nova economia que seria anticíclica e com crescimento infinito. “A natureza pode não produzir tolos, mas a sociedade compensa esta falha natural”

Em março de 2000, o índice Nasdaq composite (INC) que mensura o valor das empresas de tecnologia nos Estados Unidos bateu em sua marca histórica mais alta de 5.132 pontos. Ocorreu uma reversão. As empresas que se guiavam pelo INC perderam 75% de seus valores. Era o estouro da bolha ponto.com e mais de 500 empresas de variados portes, simplesmente faliram<sup>3</sup>.

Entrando no tema principal da crise de 2007/2008 que se estende até a atualidade, deve se fazer a observação de que não se trata de mais uma crise do capitalismo como tantas que ele enfrentou desde o século XIX. Diga-se que é a crise mais profunda, de maior duração e mais perturbadora da economia capitalista mundial desde 1929. A hecatombe econômica atual promoveu a falência de muitas empresas, inclusive, algumas de médio e grande porte, desordem no comércio internacional, mudanças na divisão internacional do trabalho, ocorrendo em alguns casos a regressão produtiva de alguns países. A China sofreu uma redução acentuada no seu ritmo de crescimento.

---

<sup>3</sup> <https://www.infomoney.com.br/mercados/o-estouro-da-bolha-pontocom-que-quebrou-mais-de-500-empresas-e-e-uma-assombracao-ate-hoje/>

É preciso não perder de vista que o processo que permite ao capitalista aumentar a produtividade do trabalho e baratear a produção traz a necessidade de realização de uma quantidade maior de mercadorias. Contudo, apesar da tendência de aumento da produção de mercadorias, aponta por outro lado para a incapacidade de realizar todo o valor produzido, pois a tendência do capital é que sua oferta supere a sua demanda<sup>4</sup>.

Em síntese, a crise é o excesso de capital em todas as formas. A saída, já foi vista, é a destruição direta do capital excedente, além da violenta e infrene concorrência entre os capitais buscando-se a definição de quem ficará com o menor prejuízo.

Por fim, as grandes crises capitalistas (depressões) se assemelham em muitos pontos: (a) desequilíbrios diversos, como no emprego, nos salários, nos lucros, na renda nacional; (b) aumento exponencial da pobreza e das desigualdades; (c) mudanças na estrutura do capitalismo, tornando as crises mais violentas; (d) acirramento dos conflitos militares; (e) Guerras regionais que tendem a desembocar em guerras mundiais; (f) a produção bélica mantém ou aumenta o ritmo, reduzindo os efeitos da depressão; e (g) a reconstrução dos países tem papel fundamental na recuperação.

## Referências

COGGIOLA, Osvaldo. As grandes depressões (1873 1896 e 1929-1939): fundamentos econômicos, consequências geopolíticas e lições para o presente. São Paulo, Alameda, 2009.

KALECKI, M. (1933-1939). Estúdios sobre la Teoria de los ciclos Econômicos. (Coleccion Demos). Caracas – Barcelona: Ediciones Ariel, 1970.

KALECKI, M. (1977). Crescimento e Ciclo nas Economias Capitalistas. Organização de J. Migliori. São Paulo: Hucitec, 1987.

KALECKI, M. Teoria da dinâmica econômica: Ensaio sobre as mudanças cíclicas e a longo prazo da economia capitalista. São Paulo: Nova Cultural, 1977.

LUXEMBURG, Rosa. (1913). A acumulação de capital: contribuições ao Estudo econômico do imperialismo. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

LUXEMBURGO, Rosa. (1913). A acumulação de capital: contribuições à explicação econômica do imperialismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MARX, K. O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017

SAES, Flávio Azevedo Marques de; SAES, Macchione. História Econômica Geral. São Paulo: Saraiva, 2013

---

<sup>4</sup> Uma das razões para que este desequilíbrio ocorra é a anarquia da produção. Os capitalistas não observam a curva de demanda individual, mas a agregada.